

A pesquisa em educação no Brasil:
uma crítica a fragmentação do conhecimento

Luciano Accioly Lemos Moreira

RESUMO

Analisamos sob orientação teórica da ontologia marxiana a trajetória histórica, teórica e metodológica da Pesquisa Educacional no Brasil. Constatamos que a produção científica de modo hegemônico na atualidade, concentra-se em análises sobre problemáticas restritas a situações da sala de aula. Como efeito dessa perspectiva analítica, temos a construção de uma visão pragmática e utilitarista das pesquisas em educação. Restringindo desse modo, o olhar e a reflexão do professor a esfera fenomênica da realidade social.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa educacional; Pragmatismo; Ontologia marxiana

Research on education in Brazil:
a critique of the knowledge fragmentation

ABSTRACT

We analyzed a theoretical orientation of the trajectory Marxist ontology historical, theoretical and methodological Educational Research in Brazil. We note that the scientific production of hegemonic way nowadays, focuses on analysis of problematic situations restricted to the classroom. The effect of this analytical perspective, we have to build a pragmatic and utilitarian view of research in education. Restricting this way, the gaze and the reflection of the teacher phenomenal sphere of social reality.

KEYWORDS

Educational research; Pragmatism; Marxist ontology



INTRODUÇÃO

A pesquisa educacional na atualidade vem se desenvolvendo num espaço de confronto e conflito entre variadas correntes teóricas e metodológicas. A concepção analítica de cunho quantitativo-realista defende uma postura imparcial e neutra do investigador quanto à compreensão da realidade educacional; por outro lado, a corrente qualitativo-idealista concebe a realidade como um construto do próprio sujeito, e por fim, a concepção dialética atribui à pesquisa a possibilidade de desvelamento das contradições sociais, econômicas e políticas contidas na realidade educacional.

A fim de compreendermos a pesquisa educacional na atualidade, sua evolução histórica e perspectiva, nos proporemos a realizar a seguinte trajetória analítica: delinearemos inicialmente, o surgimento e evolução histórica da pesquisa em educação no Brasil. Num segundo momento, trataremos de explicitar os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos das três correntes citadas acima, posteriormente, demonstraremos um breve quadro metodológico da pesquisa educacional no mundo, e no Brasil, e por fim, realizaremos uma análise crítica do limites e possibilidades das abordagens e perspectivas explicitadas nesse texto.

BREVE OLHAR HISTÓRICO DA PESQUISA EDUCACIONAL NO BRASIL

Gatti (2007) explica que nas duas primeiras décadas do século 20, a pesquisa em educação não poderia ser considerada como uma produção estruturada, pois eram realizados de modo esparsos e aleatórios estudos científicos que tinham como preocupação a educação. Apenas nos anos 30 do mesmo século, através da criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), é que pesquisas sistematizadas sobre a educação serão realizadas no país.



Posteriormente, O INEP se desdobrará no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, e nos Centros Regionais do Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia e Minas Gerais. Nesses centros, a pesquisa em educação encontrará um lugar fértil para a efetivação e expansão da pesquisa no Brasil. Por outro lado, Gatti (2007) demonstra que as universidades e faculdades do país produziam de modo rarefeito pesquisa nessa área, ou, não raramente, não produziam nenhum trabalho científico de cunho educacional.

Durante as décadas de 40 e 50 do século vinte, o INEP e seus Centros continuarão sua produção científica e seus professores pesquisadores, em constante contato com as universidades, começarão a produzir um diálogo promissor entre seus estudos e o espaço universitário. Poderíamos inferir que esse diálogo fará surgir uma demanda nas universidades por pesquisas no campo pouco conhecido: a educação.

No INEP e nessa relação com os professores das universidades, grupos foram formados nos centros de pesquisas, institucionalizando-se e produzindo um cabedal de textos, fontes e de um rico material que pouco a pouco foram sedimentando a pesquisa em educação no Brasil. No entanto, afirma Gatti (2007) e Fazenda (2007), apenas nos anos de 1960, com o surgimento dos programas sistemáticos de pós-graduações - Mestrados e Doutorados - das universidades brasileiras, é que haverá uma aceleração na produção científica na área educacional. Como resultado desse processo, o foco de formação e absorção dos quadros de professores pesquisadores passou a ser o espaço universitário.

Gatti (2007) e Fazenda (2007; 2008) afirmam que quanto às temáticas e metodologias utilizadas nessa evolução histórica da pesquisa em educação no Brasil, podem-se constatar os seguintes temas: até os anos de 1950, as pesquisas caminhavam por um enfoque essencialmente psicológico da prática educacional. A temática, nesse momento, girava em torno do desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente, dos processos de ensino e dos instrumentos de aprendizagem. Em meados dos anos 50 do século passado, o Brasil ao sair de um processo ditatorial getulista, sofre influências de movimentos sociais com demandas democráticas que vão interferir nas pesquisas. Desse modo há um direcionamento



das análises para as condições culturais da sociedade brasileira, e sobre as políticas de desenvolvimento do país. O objeto mais comum nessas pesquisas centra-se em torno do sistema escolar e suas relações com a sociedade.

Em 1960, levados pelos movimentos sociais e populares, como também por movimentos teóricos educacionais de viés crítico, a pesquisa ganha fôlego e destaque em estudos de natureza econômica. Questões como educação como investimento, programas de ensino e formação de recursos humanos faziam-se presentes nas pesquisas desse momento histórico. No entanto, o pequeno sopro popular é refreado em 1964 com a instauração da ditadura militar no Brasil e, por isso, a pesquisa em educação como em outros setores sociais, políticos e culturais do país, serão controladas e direcionadas às necessidades da economia subordinada do Brasil, e ao Estado Bonapartista Ditatorial. Há um privilegiamento de pesquisas com enfoques em planejamento, controle dos custos educacionais, a eficiência, a técnica de ensino, tecnologias educacionais e o ensino profissionalizante. A educação e a pesquisa voltam-se para o ideal do desenvolvimentismo, estimulados pelo acordo MEC-USAID.

Gatti (2007) afirma que, nos anos 70, a produção científica motivada pela expansão do ensino superior e das pós-graduações no Brasil teve uma ampliação nas temáticas e dos referenciais metodológicos utilizados em suas análises. Os métodos quantitativos antes dominantes dividiam espaço com o olhar qualitativo na pesquisa em educação. No entanto, a mesma autora explica que o olhar tecnicista se fazia dominante em todo o período da ditadura militar no Brasil, e apenas nos anos 80 e 90 do século vinte, através da chamada redemocratização do país, métodos críticos à visão quantitativa surgiam com mais força nas universidades e nos centros de pesquisas.

No período da abertura política do país, estudos de cunho marxista se faziam presentes, motivados pelos movimentos sociais e políticos da época. No final dos anos 80 e início dos anos 90, as técnicas e as metodologias não convencionais denominadas qualitativas, começam a representar uma força e uma alternativa na pesquisa educacional no Brasil.



Gatti (2007) nos lembra que com o surgimento da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPED) no Brasil no final dos anos 70 a pesquisa em educação encontra um lugar propício para sua expansão e produção. Nesse instante, a ANPED com suas linhas de pesquisa, suas reuniões anuais e publicações dos variados grupos de pesquisa de todo o Brasil, expõe a evolução e as tendências temáticas e metodológicas de cada momento histórico do Brasil.

Observamos, de acordo com Gatti (2007) e Fazenda (2007 – 2008), que dos anos de 1990 aos dias atuais impera o conflito entre as teorias e metodologias quantitativas, qualitativas e dialéticas. Para compreendermos esses conflitos ideológicos e metodológicos faz-se necessário compreender a gênese teórica e metodológica de cada uma delas.

TRAGETÓRIA TEÓRICA E METODOLÓGICA DA PERSPECTIVA QUANTITATIVA, QUALITATIVA E DIALÉTICA NA EDUCAÇÃO

A investigação científica em educação tem no quadro teórico-metodológico quantitativo-realista um importante instrumento na busca pelo conhecimento. De acordo com Gamboa e Silva Filho (2007), o instrumental quantitativo tem como fundante filosófico à teoria positivista, ainda na primeira metade do século dezenove, na Europa. Os autores explicam que o pensamento de Comte em busca pela objetividade e progresso, vai aliar o progresso do iluminismo, com a necessidade da ordem social capitalista. O capitalismo ainda em formação, já demonstrava seus antagonismos sociais, e Comte, sob o ponto de vista do capital, e restrito às possibilidades de sua época histórica, defende um conhecimento que se desenvolva de modo harmonioso a sociedade. O pesquisador deve apenas recolher dados, organizá-los e expô-los à comunidade científica. Conforme Gamboa (2007), Durkheim, teórico contemporâneo de Comte, alia-se às idéias do positivismo e constrói um método que expressa a teoria em construção. Para o autor, os fatos sociais se constituíam em coisas, em objetos que poderiam ser conhecidos pelos sujeitos. O social é real e externo aos indivíduos. Com isso, através da metodologia de Durkheim as ciências sociais adquiriram o mesmo status dos fenômenos físicos, pois os fatos sociais existem independentes da consciência humana, e



são acessíveis mediante a experiência dos sentidos e da observação. Portanto, o cientista social de Durkheim deve ser neutro e objetivo como o cientista físico. A ciência se limita ao que é e não ao que deve ser. Não há espaço para a reflexão, a crítica, apenas a exposição do funcionamento da sociedade.

A metodologia quantitativa-realista na pesquisa educacional concebe a realidade social independente do pesquisador (dualismo sujeito-objeto). Sua perspectiva externalista implica na prévia existência do objeto de investigação independente do interesse e da interpretação do pesquisador. Com isso, conforme Gamboa (2007), a objetividade é um resultado do distanciamento, da imparcialidade, e da quantificação da realidade pesquisada.

Na educação, a dominância nas pesquisas era de cunho empirista, conforme o cânone positivista realista. Até os anos de 1960 basicamente, afirmam Gamboa e Silva Filho, a pesquisa educacional se manteve, salvo raras exceções, sob o domínio da perspectiva positivista.

No caso do quadro teórico-metodológico qualitativo-idealista, Gamboa (2007) explica que sua estruturação teórica tem fundamento nas elaborações de Kant, por meio de seu idealismo interpretativo da realidade. Outro pensador que irá contribuir na formulação qualitativa-idealista é Dilthey, que se colocava contrário à unidade entre as ciências sociais e físicas, defendendo com isso, a não neutralidade da ciência.

Dilthey afirma que não há uma realidade objetiva, mas a apreensão individual, parcial e limitada que cada evento fenomenicamente significa para cada um de nós. Essa perspectiva abre a possibilidade da pesquisa sobre as experiências internas de cada indivíduo. A minha impressão sobre a realidade é uma leitura, uma interpretação possível do real, que é diverso e aberto. Kant e Dilthey, em suas teorias idealistas, explicam, ao seu modo, que não é possível por meio da pesquisa apreender a realidade em si, mas apenas captar a realidade como nos é apreensível aos nossos sentidos, no nível fenomênico.



Max Weber trará contribuições na construção de um quadro teórico e metodológico alternativo à perspectiva quantitativa em educação. Esse autor abre a possibilidade de estudos culturais, pois seu principal interesse conforme Gamboa (2007) volta-se para o indivíduo, o seu comportamento, a sua ação social em relação aos grupos sociais existentes numa determinada sociedade.

A corrente denominada fenomenológica, fundada por Husserl na Alemanha, também vem contribuindo muito nas elaborações das pesquisas qualitativas em educação, como em outras áreas. Fazenda (2007; 2008) define essa corrente como um método que trata de desentranhar o fenômeno, pô-lo a descoberto. Desvendar o fenômeno além da aparência. Exatamente porque os fenômenos não são tão evidentes de imediato. A fenomenologia pretende, por intermédio da interpretação, novas compreensões sobre a realidade aparente.

Conforme André (2008), o surgimento e a estruturação do quadro teórico metodológico qualitativo-idealista na pesquisa educacional têm seu surgimento nas pesquisas de Kurt Lewin nos Estados Unidos em 1940. Kurt Lewin foi responsável pela idéia de pesquisa-ação como alternativa às pesquisas que se limitavam a produzir livros e não relacionavam conhecimento científico e ação social. Esse teórico, afirma André (2008), argumentava que as pesquisas educacionais deveriam ser feitas por educadores, pois eles, e não os pesquisadores universitários viviam e experienciavam a realidade educacional diariamente. O caráter participativo e interativo do pesquisador-professor proposto por Lewin poderia transformar a realidade educacional. Porém, diz André (2008), a dominância das teorias convencionais positivistas da época refreou a possibilidade efetiva da aplicação e do desenvolvimento de tal método analítico no campo científico educacional. É a partir de 1970, com os trabalhos de Stenhouse (Inglaterra) que o ideal do professor pesquisador instrumentalizado pela metodologia qualitativa se põe efetivamente como propostas na pesquisa educacional. A idéia fundamental era a de que os professores deveriam transformar suas práticas por meio de suas próprias reflexões. Daí a proposta de transformar o professor num investigador em aula, pois as aulas constituem laboratórios ideais para a realização da teoria e da prática educativa. De acordo com André (2008), Stenhouse considera a pesquisa



educacional uma indagação sistemática e planejada da realidade escolar pelo professor, uma autocrítica de sua prática, no sentido de transformá-la.

Na década de 80 do século passado, de acordo com André (2008), a pesquisa qualitativo-idealista teve em Donald Shon um grande desenvolvimento e visibilidade pelos teóricos da pesquisa educacional no mundo, e respectivamente, no Brasil. Shon ao estudar a formação profissional universitária, denunciou o caráter técnico da formação de profissionais da área de arquitetura nos Estados Unidos. A prática profissional de acordo com Shon estava restrita à aplicação de uma teoria e de uma técnica estudadas anteriormente, desconsiderando assim, o cotidiano dos profissionais que é complexo, instável e singular. Shon propõe a formação de profissionais reflexivos que se utilizem da pesquisa educacional cotidiana, no intuito de refletir sobre as situações-problemas contidas em sua realidade singular de sala de aula, no objetivo da resolução de suas necessidades profissionais.

Nos anos de 1990 no Brasil, através inicialmente de Demo, e posteriormente de outros representantes da metodologia qualitativa educacional, a pesquisa em educação é cada vez mais invadida por metodologias que refletem a necessidade de o professor pensar sua realidade escolar. Metodologias as mais diversas de base idealista se colocam como uma alternativa contra as correntes convencionais positivistas, consideradas por muitos, como um ideal ultrapassado, o qual não responde as necessidades de um mundo cada vez mais multifacetado e complexo. Fazenda (2007-2008) propõe a pesquisa autobiográfica e etnográfica como possibilidade de uma nova leitura na produção científica educacional. Gamboa (2007) propõem uma síntese entre as duas correntes; Demo defende a pesquisa educacional como instrumento didático do professor-pesquisador na compreensão de sua realidade escolar; Pimenta (2008) explica que a pesquisa colaborativa entre escolas e universidades é uma possibilidade da pesquisa responder as demandas das escolas. Enfim, a metodologia qualitativo-idealista antes minoritária em relação à perspectiva quantitativa, na atualidade, apresenta-se de modo hegemônico no quadro teórico e metodológico para pesquisas no campo da ciência educacional.



O campo da pesquisa dialética traz em seu bojo uma complexidade, e contradição histórica, teórica e metodológica de difícil compreensão e exposição.

Por isso, discutiremos de modo breve e parcial essa corrente fundada na teoria marxiana. A dialética defende que a compreensão de uma problemática deve ser pensada articulada à realidade social, econômica e política de cada época histórica na sua totalidade. De acordo com Tonet (2005), diferentemente das concepções quantitativa e qualitativa, o método dialético de Marx parte não dos fatos nem das idéias, especulações ou fantasias, mas de fatos reais, empiricamente verificáveis, no caso, os indivíduos concretos, o que eles fazem, produzem por meio do trabalho, de sua vida ativa. A realidade social para Marx é processual, radicalmente histórica, em que os indivíduos produzem sua existência por meio do trabalho, e das outras esferas sociais necessárias a sua reprodução social. Sua realidade é determinada historicamente por meio da forma como esses mesmos indivíduos produzem suas vidas. Portanto, o campo da possibilidade se constitui na totalidade social, que é histórica e determinada por sua base econômica. A categoria da práxis alia, de modo ontológico, o momento ideal do sujeito que capta no real as alternativas, e objetiva por meio de sua atividade o seu mundo humano, social e histórico. Objetividade e subjetividade se constituem em momentos distintos, mas por meio da prática sintetizam-se criando o mundo humano social.

Gamboa (2007) afirma que, em 1930, contrariando a perspectiva quantitativo-realista de base positivista, surgem elaborações de cunho dialético na União Soviética. Vygotsky e Leontiev produzem pesquisas na área da educação e da psicologia de base materialista, tentando compreender a dimensão da formação humana de modo radicalmente histórico. Suas análises expõem o modo de constituição do homem e de sua consciência, relacionando as dimensões econômicas e sociais do modo de produção capitalista.



Saviani em seu livro “pedagogia histórico-crítica” (2003) explica que nos anos de 1960 na Europa, e no Brasil nos anos 70 do século vinte, surge no cenário da pesquisa educacional, por meio e influência das idéias de Althusser, Bourdieu, Passeron e Establet, análises crítico reprodutivistas da realidade educacional. Contudo, esse movimento crítico-reprodutivista atribui ao aparelho escolar apenas a função de reprodução da sociedade de classe do e para o capital. Saviani afirma que essas pesquisas não elaboraram alternativas superadoras do papel reprodutivista da educação, pois não levou em conta a questão da contradição social existente na sociedade capitalista. Por esse intermédio, o próprio Saviani em 1979 na PUC de São Paulo, funda a primeira turma de mestrado em educação no Brasil, e seu grupo, aliando-se a idéias de base marxista produzem pesquisas que tentam romper e superar as teorias reprodutivistas. O próprio Saviani, e seu grupo de pesquisa, iniciam e produzem propostas teóricas na busca por uma educação crítica e contrária á perspectiva do capital. Do grupo de Saviani surgem vários autores importantes no cenário da pesquisa educacional brasileira como Frigotto, Nosella, Kuenzer, Cury, Libâneo, entre outros, que irão analisar, a realidade educacional do Brasil e do mundo, por meio da perspectiva marxiana.

Pesquisas mais recente no campo da dialética marxiana no Brasil, mas precisamente, nas pós-graduações de Educação das Universidades Federais de Alagoas, no Ceará, e na Universidade Estadual de São Paulo UNESP na cidade de Araraquara, vêm desenvolvendo uma crítica de base ontológica em Marx e Lukacs, propondo-se resgatar o caráter radicalmente crítico de Marx. Observa-se que as pesquisas desses grupos, realizam de modo direto e indireto, uma crítica aos métodos quantitativos, qualitativos, como também, do próprio horizonte dialético.

Podemos, por meio da produção científica dos GT de Trabalho e Educação da UFAL, das pesquisas do Instituto de Pesquisa do Movimento Operário – IMO, e de alguns teóricos da UFC e da UECE no Ceará, como também, do GT coordenado por Newton Duarte na UNESP em Araraquara, inferir algumas críticas ao quadro atual da pesquisa educacional no Brasil.



Em primeiro lugar, há na atualidade, nas pesquisas educacionais em grande medida, um rebaixamento da função social da pesquisa e do ensino a uma prática pragmática, imediatista em que a visão do pesquisador se torna fragmentada e restrita à resolução de situações problemas vividos na sala de aula. Essa perspectiva pragmática e restritiva da ciência é principalmente desenvolvida no quadro teórico-metodológico qualitativo-idealista, pois sua principal preocupação e objeto de análise centram-se no cotidiano escolar.

Rômulo (2007), no livro intitulado: *Contra o pragmatismo e a favor da filosofia da práxis* – explica que o pragmatismo tem sua formulação principalmente na idéias de Dewey. A teoria pragmática surge nos anos 50 do século vinte nos Estados Unidos, e vai influenciar a formação de políticas de reconstrução econômica dos países do pós-segunda guerra mundial. Esta corrente influenciou a educação tanto nos Estados Unidos, como também, em outros países. Desde então, essa corrente vem sendo ressignificada e adequada aos tempos atuais de crise estrutural do capital e, por sua natureza anti-teórica, imediatista e produtivista, encaixa-se às necessidades das políticas atuais de formação para a empregabilidade, cidadania e competências, desenvolvendo o tipo de homem com as habilidades necessárias para um mundo do desemprego crônico.

Duarte apud (Rômulo 2007) afirma que o novo pragmatismo é fundado no irracionalismo, e anuncia a impossibilidade da apreensão da realidade em sua totalidade e declara a crise das ciências, dos paradigmas e da razão. Nesse sentido, qualquer tentativa de refletir sobre a sociabilidade e sobre a complexidade de suas relações perde valor, pois o que interessa é o aqui e o agora, o que se tem para fazer no momento atual. Abordagens que refletem sobre as relações entre os vários fenômenos da vida social são postas de lado, pois a situação isolada é a que deve prevalecer. Nessa perspectiva, a teorização é desnecessária. Ela só faz sentido se possui valor prático. O prático e o útil confundem-se com a própria verdade. A medida da verdade é o que tem validade e utilidade para o mercado, para a resolução dos problemas situacionais da sala de aula, do cotidiano escolar, fora disso, é especulação.



Como conseqüência desse processo visualizamos na atualidade uma ciência educacional cada vez mais restrita ao campo do fenomênico, abandonado-se a possibilidade da análise captar a essencialidade das problemáticas de análise.

Tonet (2005) atribui à construção atual de uma ciência pragmática e irracionalista a um processo de intensificação do processo de fetichização da realidade social. A produção social voltada à mercadoria produz necessariamente o estranhamento e o desgoverno do homem sobre o seu processo de produção e reprodução de sua existência. Desse modo, a fragmentação, a diferença, a empiricidade, então, deixam de ser determinações histórico-sociais para se tornarem características naturais da realidade. A hipercentralidade de um sujeito que apenas pode dizer do mundo o seu imediato, vazio de sentido, de essência, e de totalidade.

Tonet (2005) explica que esse desnorreamente da ciência atinge também alguns setores da concepção metodológica da dialética. Cada vez mais, pesquisadores marxistas na área da educação, abandonam a concepção ontológica de Marx a qual atribui à centralidade do trabalho o processo de autoconstrução humana, para recair na esparrela de atribuir a política essa função. Essa inversão ontológica esparrama e estralhaça toda a teoria marxiana, e tem como conseqüência, a produção de análises voluntaristas e politicistas que sugerem ser possível controlar e humanizar o capital, são retiradas com isso, o caráter radicalmente crítico da teoria marxiana.

Ou seja, a pergunta que norteia os pesquisadores em educação recai sobre “o como podemos conhecer a realidade”. A teoria e/ou método se configuram na medida da verdade. Porém, pensamos através de Marx, e de sua teoria e metodologia da dialética, que o problema não se resolve por esse caminho. A pergunta de modo ontologicamente formulada por Marx para conhecer o real em sua processualidade é elaborada de modo radicalmente diferente. Para Marx, o critério de verdade encontra-se não no sujeito cognoscente, mas na própria objetividade do real, na sua historicidade e processualidade. O real tem seu próprio movimento, é síntese de complexas relações sociais. Cabe à pesquisa, traduzir e analisar por



meio da subjetividade o movimento do real. Pois como afirma Marx em uma de suas teses sobre Feuerbach, é na práxis que o homem precisa provar a verdade, isto é, a realidade e a força, a terrenalidade do seu pensamento. Esse conflito não se dá num nível de um método qualitativo ou quantitativo, pois todos eles e seus conflitos giram no limite da apreensão gnosiológica do real. Para Marx, é no modo ontológico, ou seja, na busca do que funda o ser social, e na compreensão das funções sociais de todas as práxis que compõem esse ser em cada momento histórico, que possibilitará ao pesquisador saber o que é a realidade, pois o papel da ciência em Marx não é apenas interpretar o mundo de variadas formas, e olhares, ao bel prazer do pesquisador, mas apreendê-lo em suas raízes econômicas, sociais, políticas a ponto de transformar o real.

O ser social é atividade, e por isso, “toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que conduzem ao misticismo encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão dessa práxis” (MARX, 2000).

Se observarmos as análises das pesquisas quantitativas e qualitativas de cunho positivistas na educação, constataremos que partem do fenômeno, reelaboram por meio de interpretações esse imediato, e retornam para o mesmo ponto. Apresenta-se como um pensar circular, sem que a raiz das questões tratadas seja elucidada. Por outro lado, o que presenciamos no método dialético é a empiricidade como ponto de partida, e o ponto de chegada, se configura no concreto pensado com suas múltiplas determinações e relações com a totalidade social. Como Chasin (1986) explica, é exatamente caminhar a partir da visão difusa, confusa e caótica da completude da empiricidade, para a concretude. O empírico nesse caminho é integrado na totalidade do real, e expressa à relação entre o aparente, com sua essência. O ponto de chegada do positivismo é a abstração, é a realidade vista de modo parcial, na dialética é a tradução do movimento e da processualidade histórica e ontológica do real por meio da ciência. A ciência desse modo poderá captar a realidade em si, perceber as possibilidades abertas historicamente, e dotar o sujeito da liberdade dentre as alternativas possíveis na objetividade em escolher e inserir transformações na realidade social.



Percebemos assim, que o método dialético capacita os indivíduos na apreensão da realidade como ela é, e não como desejaríamos que fosse. Com isso, o ser e o dever ser na ontologia se colocam como momentos possíveis de se efetivar apenas no real, pois só mudaremos algo se apreendermos sua natureza íntima. Exemplificando, não podemos exigir do capitalismo, em sua lógica destrutiva, algo de essencialmente humano; não poderemos acreditar que liberdade, igualdade e fraternidade se constituem de maneira efetiva nas relações antagônicas do capital. Desse modo, responde Chasin (1986), conhecer é credenciar-se ao poder. É por aí que fundamentalmente Marx colocava: socialismo e ciência. Não há socialismo sem ciência. Isto é, não há socialismo sem conhecimento da própria classe que pode construir o socialismo e de todas as outras classes com as quais a classe revolucionária convive em harmonia contraditória. Ou melhor, em articulação contraditória. A falsidade socialmente necessária é ideologia. O pensamento falso que é necessário para a sobrevivência de certo tipo de sociedade, para a sobrevivência de certo tipo de classe social, é o pensamento falso que precisa ser produzido e tornado dominante. No momento em que a classe burguesa realizou sua revolução burguesa, ou seja, colocou abaixo o modo de produção feudal, o horizonte de classe da burguesia para olhar e entender o real se colocou como a necessidade da conservação, de um falso conhecimento socialmente necessário a sua ordem social e econômica. Por outro lado, o ponto de vista da classe trabalhadora, se constitui como possibilidade e necessidade da apreensão do real, de suas contradições, da compreensão e do desvelamento da exploração do homem pelo homem.



À GUIA DE CONCLUSÃO

Desse modo, a repartição do homem através da alienação no trabalho, em sua vida ativa, reflete e serve de base a separação de sua razão sobre a realidade. E sob o viés do ponto de vista do capital, esse olhar se naturaliza, e apenas pode enxergar o homem fragmentado, individualista de um lado e político do outro. Assim o olhar sobre a realidade de modo parcial, isolado, fragmentado e pragmático tão presente nas pesquisas educacionais da atualidade, expressam não uma questão de escolha de um método diferente, não-convencional e pluralista, mas confirma a presença da luta de classes em todos os terrenos da sociedade.

Pensamos que a pesquisa em educação na atualidade nos coloca questões a serem pensadas e refletidas, pois problemas diversos no campo educacional e na própria sociabilidade do capital em crise estrutural nos impõem pensarmos os rumos não apenas da pesquisa em educação, mas do futuro da própria humanidade. Apenas transformamos o que conhecemos profundamente, e desse modo, conhecer a realidade em sua complexidade e totalidade social nos impõe resgatarmos a função da pesquisa como possibilidade da apreensão do movimento e do processo histórico a qual estamos vivendo. O olhar dialético marxiano poderá contribuir na reconstrução da pesquisa educacional como momento de elaboração de um conhecimento radicalmente crítico, que ao desvelar o real, possa direcionar nossa prática educativa para caminhos e horizontes transformadores da realidade que vivemos.



REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. (Org). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papyrus, 2001.
- CHASIN, J. **O método dialético**. Maceió: [s.n.], 1986. (mimeo).
- FAZENDA, I. C. A. et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papyrus, 1991.
- _____. **Metodologia da pesquisa educacional**. 11. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2008.
- _____. (Org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. 6. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.
- GAMBOA, S. S. (Org.). **Pesquisa Educacional: quantidade – qualidade**. 6. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Trad. Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.
- PIMENTA, S. G. **Estágio e docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo, SP: Cortez; Autores Associados, 2003.
- TONET, I. **Democracia ou liberdade?** 2. ed. Maceió: EDUFAL, 2004.
- _____. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.
- SOARES, R. Apontamentos críticos contra o pragmatismo e a favor da filosofia da práxis. In: JIMENEZ, S. et al (Org.). **Contra o pragmatismo e a favor da filosofia da práxis: uma coletânea de estudos classistas**. Fortaleza: EDUECE, 2007.



Luciano Accioly Lemos Moreira

Mestre em Educação Brasileira –
Universidade Federal de Alagoas;
Doutorando em Análise do Discurso –
Universidade Federal de Alagoas
Contato: (82)8816-2810 – (82)9929-0807
E-mail: luciano.almoreira@gmail.com

Recebido em: 19/02/2009
Publicado em: 23/12/2009